Acervo ISA

CEDI

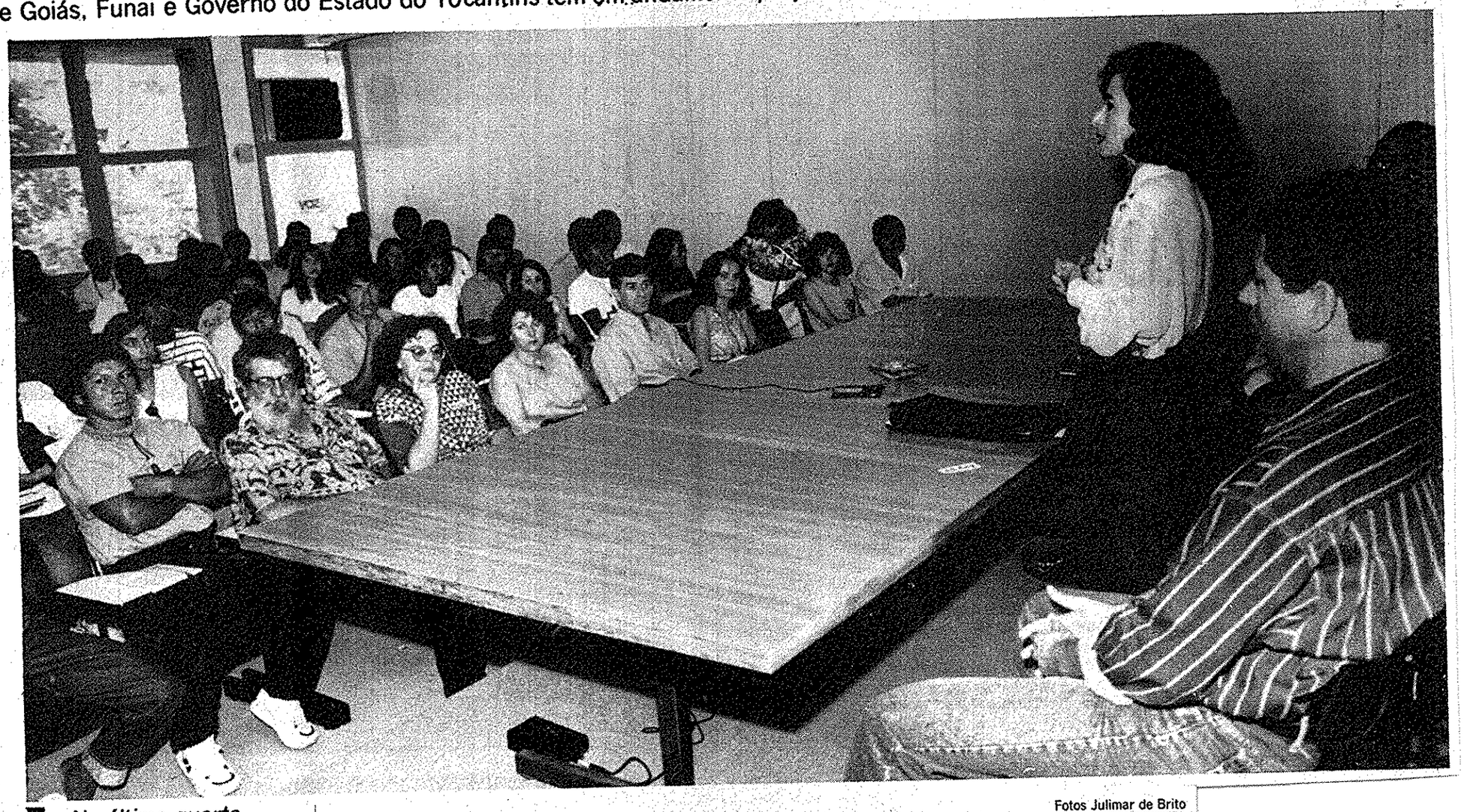
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: Indios/Educação

Data: 11/04/93 Pg.: EDIR 0123

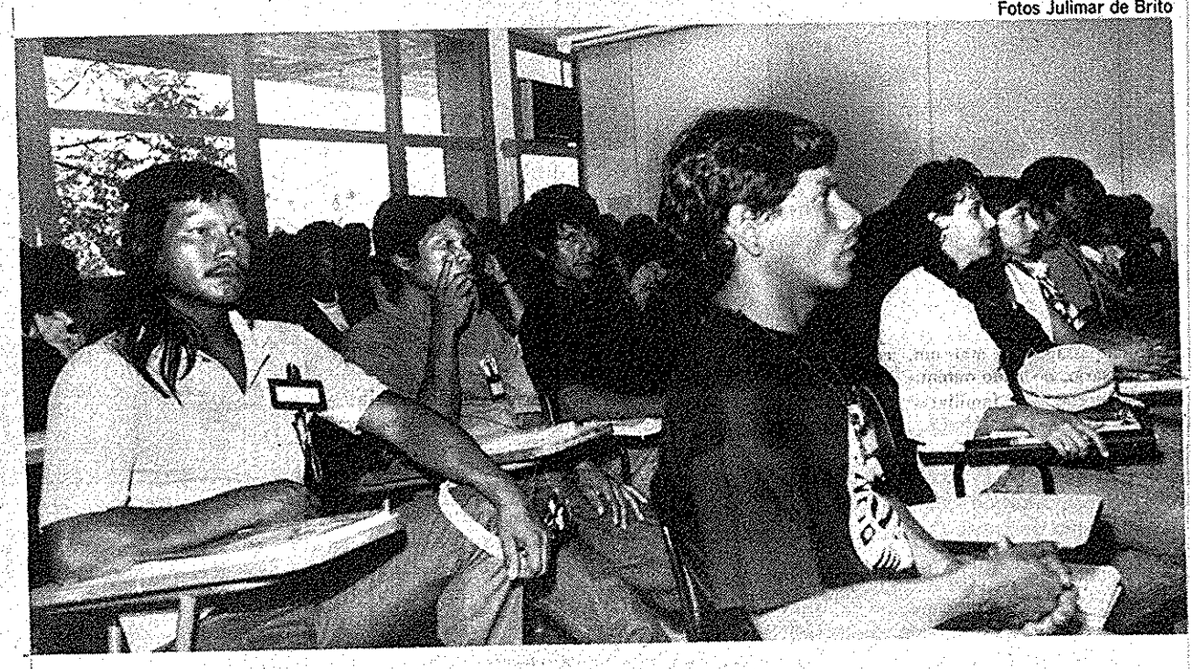
Professores índios nas salas de aula

Universidade Federal de Goiás, Funai e Governo do Estado do Tocantins têm em andamento projeto que prevê a formação integral de professores índios



Fotos Julimar de Brito

Na última quarta-feira, professores e alunos cumpriam mais uma etapa do projeto, que agora terá acompanhamento nas aldeias



Trinta e sete índios pertencentes a seis grupos, após dois anos de curso, consideram-se aptos a dar aulas

Antônio Lisboa

Durante mais de quatro séculos muito se tem tirado dos povos indígenas, da terra à cultura, da alegria à própria vida. Para romper definitivamente com essa via de mão única, ainda que de forma tardia, é que alguns "caras pálidas" tomaram certas iniciativas louváveis. Ainda que por solicitação dos próprios índios. É o caso de convênio assinado em 1991 entre o Governo do Estado do Tocantins, a Funai e a Universidade Federal de Goiás. O resultado mais palpável dessa união de esforços foi o Curso de Formação de Professores Indígenas, cuja última etapa se encerrou na quarta-feira, dia 7, no Campus II da Universidade Federal de Goiás.

Reunindo 37 índios dos grupos Xerente, Krahô, Karajá, Apinajé, Javaé e Xambioá, o curso tem como objetivo básico formar no meio indígena professores para eles próprios, segundo a professora Raquel Alessandri, coordenadora geral do projeto. A formação de professores qualificados, conforme a descrição da proposta, ocorreu através de cursos, encontros de coordenadores índios e, como etapa final com o acompanhamento do trabalho nas aldeias.

Na última parte do programa, os índios tiveram noções de editoração e impressão, aprenderam a montar livro, a manusear mimeógrafo e saíram em condições de elaborar o material escrito que utilizarão nas escolas das comunidades indígenas. Durante o curso, os alunos-professores aprenderam, entre outras coisas, a codificar sua própria língua e, numa próxima oportunidade, transporão para o português as mensagens das várias ramificações lingüísticas. "Todos os programas em psicolingüística demonstraram que a alfabetização quando feita na língua materna é mais bem feita. Até para aprender o português se torna mais fácil", destaca Raquel Alessandri.

Preservação - Para alívio dos silvícolas, existe hoje no Brasil um movimento ecológico preocupado com a preservação da cultura indígena. Nesse universo, são visados aspectos como o idioma, traços peculiares da cultura de cada povo e o reforço da identidade dessas populações, cuja tendência tem sido o paulatino desaparecimento. Outro traço significativo dessa simbiose é o fato de o curso melhorar consideravelmente as possibilidades de compreensão e relacionamento entre índios e brancos.

O que na prática significa o resgate de parte da cultura dos primeiros habitantes da terra de Santa Cruz. Através desses primeiro núcleo de codificação lingüística, as várias tribos participantes poderão transmitir ao seu povo os signos que irão permitir a continuidade da história e da cultura de cada grupo. A partir desses instrumentos, os índios estarão aptos a assimilar o português, passo a passo, e estabelecer a correspondente codificação.

Entusiasmo - Na reunião que marcou o encerramento do curso, era visível o entusiasmo dos professores índios. Numa mesa ao lado, grande número de livretos e apostilas constituíam a prova de que houve realmente assimilação de conhecimentos. Foram montadas obras interessantes sobre atividades como visita ao zoológico, ao Museu antropológico e a outros locais. Além de texto explicativo, os alunos-professores produziram figuras como animais vistos no zoo, peças de suas aldeias pertencentes ao acervo do Museu e até mesmo um ônibus cheio de índios, retratando a alegria do passeio.

Durante a cerimônia de despedida, não faltaram índios para discursar, destacando a importância do curso para seu povo e aproveitando para agradecer a todas as pessoas envolvidas no projeto. O xerente Jeová Sirnârê observou: "O curso é muito importante para proteger a nossa língua, a cultura indígena. As crianças precisam disso para não esquecer os ensinamentos. Agora fica mais fácil com a escrita". Já Noemi da Mata Brito, da mesma tribo, considerou "interessante os conhecimentos sobre gráfica e biblioteca, e também a troca de informações entre brancos e índios". Ela assegura que o grupo está pronto par adar aulas nas aldeias.

Ações - O convênio prevê recursos da Universidade Federal de Goiás, da Fundação Nacional do Índio e principalmente do Governo do Estado do Tocantins. As ações acadêmico-científicas se desenvolvem mais na UFG, através de cursos de educação indígena, a cargo do Departamento de Mestrado em Letras e Lingüística; com orientação a bolsistas de Iniciação Científica; com a produção de trabalho científico por professores responsáveis pelo programa; pelo mapeamento das aldeias e pela produção de dissertação de mestrado sobre o tema.

Os estudiosos constataram, ao longo do tempo, o fracasso dos métodos de alfabetização convencionais quando o alvo são as aldeias. Os materiais didáticos utilizados são os mesmos das escolas dos brancos. "Chega-se às vezes ao cúmulo de apresentar esses materiais para crianças que ainda não falam português, uma vez que a maioria das crianças só se expressa na língua materna", observam os mestres.

A conseqüência dessa prática é geralmente frustrante. Começa com os professores tendo que abandonar as escolas, com altíssima rotatividade. Os programas não têm continuidade. É enorme a evasão escolar. Caso o aluno permaneça, a reprovação é inescapável. O que significa, no final dessa equação, que o índio continua um analfabeto em potencial. É nesse cenário de cores sombrias que desponta o projeto de aulas para os professores índios.